

## DOIS AMIGOS QUE TENHO

Gabriela Thaisa Dantés Guerra<sup>1</sup>

DOI: 10.26512/revistacalundu.v6i1.43895

Agosto de 1995. Foi meu primeiro contato com a Umbanda. Confesso que não entendi quando vi pessoas em manifestação, com expressões que não me eram familiares e produzindo sons como de indígenas e/ou peões.

Era uma mistura de sentimentos. Meu coração acelerado, arrepios e tremor nas pernas.

E a Umbanda se apresentou a mim em uma sessão de Caboclos.

Lá aprendi que humildade e respeito são princípios básicos de todo Umbandista, e quão importantes são o compromisso e a dedicação. Aprendi o quanto uma reza é poderosa e que a caridade faz bem pra quem pratica.

Após duas semanas, convidada pela Mãe de Santo, finada Dona Mirtes de Xangô, lá estava eu, com roupas brancas, pés descalços e um fio de contas no pescoço, iniciando meu processo de desenvolvimento mediúnico. E aos 13 anos de idade me tornei a filha mais nova dessa casa de Umbanda.

A cada semana era chamada uma linha de trabalho. Entidades como Pretos-velhos, Exus e Pomba-gira, Eres, Marujos, Caboclos de Pena e Caboclos Boiadeiros eram os mais frequentes.

A manifestação dos Caboclos de Pena se assemelha aos indígenas de tribos, que viviam da caça, da pesca e das folhas que eram usadas para cura. Eles normalmente têm brados que expressam sua presença e força, diretamente ligados à natureza.

Se bem me lembro das entidades que trabalho, a primeira foi o Caboclo *Sete Espadas*. A sensação que tenho guardada em minha memória, devido à minha mediunidade ainda consciente, é de desconfiança e do paradoxo de não conseguir me segurar. Presenciar as manifestações nos demais médiuns acontecer criou em minha mente a dúvida, “como é comigo?”

Seu maior registro de movimento quando vem em terra é a força na qual se ajoelha para simbolizar o ato de lançar sua flecha. Ele o fez, e faz, com tamanha energia que é

---

<sup>1</sup> Muzenza Sinavulê. Cabana Senhora da Glória – Nzo Kuna Nkos'i.

comum ficarem marcas e, às vezes, até sensação de dor após os trabalhos. Por falar em sensação, desde o início de sua manifestação, o que me lembro ainda é do sentimento que tenho que ele porta uma espada cruzada a dianteira. Me parece ser uma espada de madeira, e que por vezes penso ter sido confeccionada por ele mesmo.

O que posso dizer sobre sua manifestação é a sua forma de trabalho, que normalmente não é de muita conversa. De certo modo, sinto ele que vem, faz seu trabalho e logo se despede. Devido ao longo tempo de trabalho como ele, e neste meio tempo minha consciência não ter permanecido, pouco tenho a dizer sobre seu brado, confesso ser algo que tenho muita curiosidade. Às vezes me pego pensando em como poderia ser... um canto de um pássaro? Um brado de guerra? O que tenho por mais certeza é que ele jamais me abandonou e sei que nunca fará isto.

Ainda dizendo um pouco da primeira vez em que ele incorporou em mim, no meio de tanta dúvida do que estava acontecendo comigo, seu ato de bater a mão contra meu peito ainda é vivo é minha memória. Parecia que queria dizer algo como “eu sou *Sete Espadas*, sou guerreiro!”.

Devido a seu comportamento ao longo do tempo, posso afirmar que ele não faz muita questão de vestimenta, adorno ou cocar. Suas ferramentas de trabalho não são mais que seu charuto e minha matéria. Isto me leva a crer que ele realmente é um espírito de um indígena mais antigo. Deixo claro aqui que nos casos em que uma entidade pede o citado acima, isso não as caracteriza como modernas ou novas. Minha suposição sobre *Sete Espadas* se pauta num comportamento mais rústico e minimalista.

Por suas manifestações serem mais esporádicas em relação ao Boiadeiro, *Seu Ventania*, imagino que também realize função nos planos espirituais, e caso não o faça, talvez seja assim seu temperamento e costume... livre, vem quando quer ou quando sente de que deve vir... solto na natureza e nas matas de Aruanda, assim o imagino.

Diferente do *Sete Espadas*, o Boiadeiro *Seu Ventania* parece ter me lançado a ele, pois indiferente do evento, seja um simples toque, sessão ou festa, é certo que ele vem. Sua ligação comigo é muito forte e próxima. Devido à sua frequência, dele tenho mais a dizer. Gosta de fumar cigarro de palha, usar seu chapéu de couro e seu laço. Uma coisa que até tenho curiosidade de saber é se ele realmente é um boiadeiro, pois a cantiga que mais gosta é “*Me chamam de boiadeiro, mas não sou boiadeiro não, eu sou tocador de gado, boiadeiro é meu padrão!*”.

Seu chapéu é típico do nordeste, porém não é o “meia lua”, e sim o “vaqueiro”. Este, que a ele foi dado de presente pela minha mãe. Segundo ela, ele disse que é deste

mesmo que ele gosta. Pelas evidências, não me restam dúvidas, *seu Ventania* realmente é um Vaqueiro. Mas como na cantiga, “*me chamam de boiadeiro*”.

Conforme diz meu marido, ele tem a conversa mais solta e não tem muita importância com o tempo, bem oposto ao *Sete Espadas*. Uma característica em sua fala é o sotaque, que parece mesclado ou indefinido a ponto de às vezes puxar a letra “r” como comumente antigamente, vibrado no céu da boca. Creio que seja registro de suas andanças quando em vida.

Ainda sobre sua manifestação, ele adora dançar. Aliás, dançar e trabalhar, pois das entidades que trabalham comigo, ele é quem mais gosta de solicitar a feitura de algo para a abertura de caminhos. Considero também ressaltar sua forte ligação com o Sol e a Lua. Digo isto pois quando alguém me relata a necessidade destes feitos, percebo que há relação entre eles. Parece que ainda estes são seus pontos de referência.

Algo que me surpreendeu muito foi saber que, da sua forma, pôde auxiliar um consulente em seu trabalho de doutorado. Mas este auxílio não foi com feitiços ou simpatia apenas, acredito, mas sim com suas palavras e orientações.

Certa feita, após uma sessão de umbanda em minha casa, veio em minha direção um consulente frequente às sessões com sua tese impressa e disse; “tomei a liberdade de fazer uma homenagem ao seu boiadeiro” e me entregou. Quase que em choque, por não saber exatamente do que se tratava, parei para ler e tentar entender o que era. Na parte dos agradecimentos, leio a seguinte frase: “... em especial a médium Gabriela/caboclo “seu Ventania” que, num ato de sensibilidade, bateu a mão em meu peito e disse: “*Vai e escreve. Defende aquilo que você acredita*”. Não tenho nem o que dizer, apenas agradecer e este ser espiritual que me acompanha e que orienta ao meu próximo e também a mim.

Tendo 27 anos de dedicação e aprendizado na Umbanda, declaro todo o meu respeito e confiança naqueles que me guardam e cito minha gratidão a todas as casas em que tive a oportunidade de me doar ao próximo através dessas entidades tão sagradas para mim.

Em 2015, conheci a Cabana Senhora da Glória – Nzo Kuna Nkos’i, onde meus mentores fizeram morada, o que me fez sentir que eu estava no lugar certo. Em 2017, pelas mãos de Tateto Nepanji, hoje meu Pai de Santo, me tornei Sinavulê. E o orgulho que sinto é imenso. Sou muzenza, sou filha, sou médium... e sei que minha caminhada está só começando.

A benção de meus guardiões, *Sr. 7 Espadas e Seu Ventania*.

Recebido em: 20/05/2022  
Aprovado em: 03/06/2022